

A CANÇÃO DE SUSANNAH

STEPHEN KING

A CANÇÃO DE SUSANNAH

A TORRE NEGRA

LIVRO 6

Tradução de
ROSA AMORIM



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2016

Para Tabby, que soube quando estava pronto

«Vá, então. Há outros mundos além destes.»

— John «Jake» Chambers

«Sou uma rapariga de constantes penas
Todos os meus dias vi problemas
Pelo mundo é meu destino vaguear
Não tenho amigos para o caminho me mostrar...»

— Tradicional

«Justo é aquilo que Deus queira fazer.»

— Leif Enger,
Peace Like a River

REPRODUÇÃO

19

PRIMEIRA ESTROFE

FEIXEMOTO

1

— Quanto tempo vai durar a magia?

A princípio ninguém respondeu à pergunta de Roland, e por isso ele tornou a fazê-la, desta vez a olhar para o outro lado da sala da reitoria, para onde Henchick dos *manni* se encontrava sentado com Cantab, que casara com uma das inúmeras netas de Henchick. Estavam os dois de mãos dadas, como era costume dos *manni*. O mais velho perdera uma neta nesse dia, mas se sofria, a emoção não transparecia no seu rosto duro, composto.

Ao lado de Roland, sem segurar a mão de ninguém, em silêncio e terrivelmente pálido, estava Eddie Dean. Junto a si, no chão, de pernas cruzadas, encontrava-se Jake Chambers. Puxara Oi para o colo, algo que Roland nunca vira e que não teria acreditado que o *billy-bumbler* permitisse. Tanto Eddie como Jake estavam salpicados de sangue. O da camisa de Jake pertencia ao amigo Benny Slightman. O de Eddie era de Margaret Eisenhart, em tempos Margaret do Caminho Rubro, a neta perdida do velho patriarca. Tanto Eddie como Jake pareciam tão cansados como Roland se sentia, mas este tinha a certeza quase absoluta de que não haveria descanso para eles naquela noite. À distância, vindos da cidade, chegavam os sons de fogo de artifício, cantorias e comemorações.

Ali não havia comemoração. Benny e Margaret estavam mortos e Susannah desaparecera.

— Henchick, diz-me, eu te peço: quanto tempo vai durar a magia?

O velho afagou a barba de maneira distraída.

— Pistoleiro... *Roland*... Não sei dizer. A magia da porta naquela gruta ultrapassa-me. Como deves saber.

— Diz-me o que pensas. Com base no que sabes *de facto*.

Eddie ergueu as mãos. Estavam sujas, tinham sangue debaixo das unhas e tremiam.

— Diz, Henchick — pediu ele, falando num tom de voz humilde e perdido que Roland nunca ouvira. — Diz, eu te peço.

Rosalita, mulher para todo o serviço do *père* Callahan, entrou com uma bandeja. Trazia canecas e uma garrafa de café fumegante. Pelo menos ela arranjara tempo para despir a camisa e as calças de ganga ensanguentadas e cheias de pó e pôr um vestido de trazer por casa, mas os seus olhos continuavam em choque. Espreitavam do seu rosto como pequenos animais das suas tocas. Serviu o café e passou as canecas sem falar. E não limpou o sangue todo, viu Roland ao pegar numa das canecas. Havia um fio nas costas da sua mão direita. De Margaret ou de Benny? Ele não sabia. Nem lhe importava muito. Os Lobos tinham sido derrotados. Podiam voltar ou não a Calla Bryn Sturgis. Isso era um problema do *ka*. O deles era Susannah Dean, que desaparecera no rescaldo, levando consigo a Treze Negra.

— Perguntas pelo *kaven*? — disse Henchick.

— Sim, pai — concordou Roland. — A persistência da magia.

O padre Callahan pegou numa caneca de café com um aceno de cabeça e um sorriso distraído, mas nenhuma palavra de agradecimento. Falara pouco desde que saíram da gruta. Tinha no colo um livro intitulado *'Salem's Lot (A Hora do Vampiro)*, escrito por um homem de quem nunca ouvira falar. Supostamente era uma obra de ficção, mas ele, Donald Callahan, entrava na história. Tinha vivido na cidade de que falava o livro, participara nos acontecimentos que narrava. Procurara na contracapa e na badana direita a fotografia do autor, estranhamente convicto de que veria uma versão do seu próprio rosto a encará-lo (muito provavelmente com a aparência que tinha em

1975, quando ocorreram aqueles acontecimentos), mas não havia fotografia, apenas uma nota sobre o autor, que revelava muito pouco. Morava no estado do Maine. Era casado. Já escrevera um livro antes, bem recebido pela crítica, a acreditar nas citações da contracapa.

— Quanto maior a magia, mais tempo persiste... — disse Cantab, olhando depois para Henchick com uma expressão inquiridora.

— Pois — disse Henchick. — Magia e encanto, as duas coisas são uma coisa só, e desenrolam-se a partir de trás. — Fez uma pausa. — Do passado, sabem.

— Esta porta abriu-se em muitos lugares e muitos tempos no mundo de onde vêm os meus amigos — disse Roland. — Gostava de a abrir novamente, mas apenas para os últimos dois. Os dois mais recentes. Pode-se fazer isso?

Esperaram, enquanto Henchick e Cantab pensavam. Os *manni* eram grandes viajantes. Se alguém sabia, se alguém podia fazer o que Roland queria — o que todos queriam —, seriam eles.

Cantab inclinou-se respeitosamente perante o velho, o *dinh* do Caminho Rubro de Calla. Sussurrou. Henchick escutou, de rosto inexpressivo, depois virou a cabeça de Cantab com a mão velha e encarquilhada e também sussurrou.

Eddie mudou de posição e Roland sentiu que ele estava prestes a perder o controlo, talvez a começar a gritar. Pousou uma mão no ombro do amigo, para o refrear, e Eddie acalmou. Pelo menos, por um momento.

A consulta sussurrada continuou talvez durante mais cinco minutos, enquanto os outros esperavam. Era difícil para Roland suportar o barulho das celebrações à distância; só Deus sabe como fariam Eddie sentir-se.

Por fim, Henchick deu uma palmadinha na face de Cantab e virou-se para Roland.

— Achamos que é possível — disse ele.

— Graças a Deus — comentou Eddie entredentes. E depois mais alto: — Graças a *Deus!* Vamos lá acima. Podemos encontrar-nos convosco na Estrada do Leste...

Os dois homens de barba abanavam a cabeça, Henchick com uma espécie de severo pesar, Cantab com um olhar que era quase horror.

— Não subiremos à Gruta das Vozes no escuro — disse Henchick.

— *Temos* de subir! — explodiu Eddie. — Vocês não entendem! Não é só uma questão de quanto tempo a magia vai durar ou não, é uma questão de tempo do outro lado! Passa mais depressa lá e quando passa, passou! Meu Deus, a Susannah pode estar agora a ter o bebé, e se for algum tipo de canibal...

— Escuta-me, meu jovem — disse Henchick —, e presta muita atenção, eu te peço. O dia está perto do fim.

Era verdade. Nunca na experiência de Roland um dia passara tão depressa por entre os seus dedos. Tinham enfrentado os Lobos bem cedo, pouco depois do amanhecer, em seguida comemorado ali na estrada a vitória e lamentado as perdas (que tinham sido espantosamente pequenas, afinal). Depois seguira-se o desaparecimento de Susannah, o caminho até à gruta e as descobertas lá feitas. Quando voltaram ao campo de batalha na Estrada do Leste, já passava do meio-dia. A maior parte dos habitantes da cidade fora-se embora, levando de forma triunfante as crianças salvas para casa. Henchick concordara de bom grado em fazer aquela conferência, mas, quando voltaram à reitoria, o Sol estava do lado errado do céu.

Afinal vamos ter uma noite de descanso, pensou Roland, e não sabia se ele sentia contente ou desiludido. Fazia-lhe falta dormir; até aí sabia ele.

— Ouço e escuto — disse Eddie, mas a mão de Roland continuava pousada no seu ombro, sentindo a tremura do jovem.

— Mesmo que estivéssemos dispostos a ir, não conseguiríamos persuadir um número suficiente de pessoas para nos acompanhar — disse Henchick.

— Tu és o *dinh*...

— Sim, assim me chamas e portanto calculo que sou, embora não seja uma palavra nossa, sabes. Na maior parte das coisas eles seguem-me; sabem a dívida que têm para com o teu *ka-tet* por este dia de trabalho e diriam obrigado de todas as maneiras possíveis. Mas não subiriam o caminho até àquele lugar assombrado depois de escurecer. — Henchick abanava lentamente a cabeça com grande certeza. — Não... isso eles não farão.

»Escuta, jovem. Eu e o Cantab podemos regressar ao Caminho Rubro Kra-ten bem antes do escurecer. Ali chamaremos os nossos compatriotas ao Tempa, que é para nós o que o Salão da Assembleia é para o povo esquecido. — Olhou rapidamente para Callahan. — Peço perdão, *père*, se o termo o ofende.

Callahan anuiu distraidamente sem tirar os olhos do livro, que virava e revirava nas mãos. Estava forrado com um plástico protetor, como muitas vezes sucede com primeiras edições valiosas. O preço anotado levemente a lápis na guarda era \$950. Era o segundo romance de um jovem. Perguntava-se o que o tornaria tão valioso. Se esbarrassem com o dono do livro, um homem chamado Calvin Tower, iria certamente perguntar-lhe. E seria apenas o princípio do seu interrogatório.

— Explicaremos o que queres e pediremos voluntários. Dos sessenta e oito homens do Caminho Rubro Kra-ten, acho que só uns quatro ou cinco não concordarão em ajudar... em unir as suas forças. Será um poderoso *kebef*. É isso que lhe chamam? *Kbef*? A partilha?

— É — disse Roland. — A partilha da água, dizemos nós.

— Nem de longe conseguiriam meter esse número de homens na boca daquela gruta — disse Jake. — Nem se metade deles se sentassem nos ombros da outra metade.

— Não é preciso — respondeu Henschick. — Colocaremos os mais poderosos lá dentro... aqueles a que chamamos expedidores. Os outros podem alinhar-se ao longo do caminho, de mãos dadas e ombro a ombro. Estarão lá amanhã de manhã, antes que o sol suba aos telhados. Garanto que sim.

— Seja como for, precisamos desta noite para reunir os nossos ímanes e prumos — disse Cantab. Olhava para Eddie com um ar de quem pede desculpa e com algum medo. Aquele jovem estava num sofrimento atroz, isso era claro. E era um pistoleiro. Um pistoleiro podia atacar e, quando isso acontecia, nunca era às cegas.

— Pode ser tarde demais — sussurrou Eddie. Olhou para Roland com os seus olhos cor de avelã, agora raiados de sangue e escuros do cansaço. — Amanhã pode ser tarde demais, mesmo que a magia *não tenha* desaparecido.

Roland abriu a boca e Eddie levantou um dedo.

— Não digas *ka*, Roland. Se disseres *ka* mais uma vez, juro que a minha cabeça vai explodir.

Roland fechou a boca.

Eddie virou-se de novo para os dois homens de barba com os seus mantos negros como os dos *quakers*.

— E não têm a certeza de que a magia vá perdurar, pois não? O que se pode abrir esta noite, amanhã poderá estar fechado para sempre. E nem todos os ímanes e prumos da criação *manni* seriam capazes de o abrir.

— Sim — disse Henchick. — Mas a tua mulher levou a bola mágica consigo e, seja o que for que possas pensar, o Mundo Médio e as Terras Fronteiriças estão bem sem ela.

— Eu venderia a minha alma para ter a bola de volta, e nas minhas mãos — disse Eddie claramente.

Todos ficaram chocados com estas palavras, até Jake, e Roland sentiu uma enorme vontade de dizer a Eddie que ele tinha de as retirar. Havia forças poderosas em ação contra a demanda da Torre, forças sombrias, e a Treze Negra era o seu *sigul* mais evidente. O que podia ser usado também podia ser mal usado e as curvas do arco-íris tinham o seu próprio feitiço maléfico, sobretudo a Treze. Seria talvez a soma de todas. Mesmo que a tivessem tido em seu poder, Roland teria feito tudo para a manter afastada das mãos de Eddie Dean. No seu atual estado de dor e distração, a bola haveria ou de o destruir ou de o escravizar em minutos.

— Uma pedra podia beber se tivesse boca — disse Rosa secamente, sobressaltando-os. — Magia à parte, Eddie, pensa no caminho que sobe até lá. Depois pensa em cinco dúzias de homens, muitos deles quase tão velhos como Henchick, um ou dois cegos como morcegos, a tentar subi-lo depois de anoitecer.

— O pedregulho — disse Jake. — Lembras-te do pedregulho que tens de contornar, e ficas à beira do precipício?

Eddie aquiesceu com relutância. Roland viu que ele tentava aceitar o que não podia mudar. Procurava a sanidade.

— A Susannah Dean também é pistoleira — disse Roland. — Talvez seja capaz de cuidar de si durante um tempo.

— Eu acho que a Susannah já não está no controlo — respondeu Eddie —, e tu também. Afinal de contas, o bebé é da Mia e é ela quem vai assumir o comando até o bebé... a cria... nascer.

Roland teve então uma intuição e, à semelhança de tantas que tivera ao longo dos anos, esta mostrou ser verdadeira.

— Ela pode ter estado no comando quando se foram embora, mas talvez não consiga continuar assim.

Callahan falou por fim, tirando os olhos do livro que tanto o impressionara:

— Porque não?

— Porque não é o mundo dela — disse Roland. — É o da Susannah. Se não conseguirem arranjar uma maneira de trabalhar juntas, podem vir a morrer juntas.

2

Henchick e Cantab voltaram ao Caminho Rubro dos *manni*, primeiro para falar aos anciãos reunidos (todos homens) sobre o dia de trabalho, depois para lhes dizer qual era o pagamento exigido. Roland foi com Rosa para casa dela. Ficava ao cimo da colina, perto de uma antiga latrina que agora se encontrava em ruínas. No interior dela, como uma inútil sentinela, estava o que sobrava de Andy, o Robô Mensageiro (muitas outras funções). Rosalita despiu Roland devagar e por completo. Quando ele estava como veio ao mundo, ela estendeu-se ao seu lado na cama e massajou-o com óleos especiais: óleo de gato para as dores e uma mistura mais cremosa, ligeiramente perfumada, para as partes mais sensíveis. Fizeram amor. Atingiram juntos o orgasmo (o tipo de acidente físico que os tolos pensam ser o destino), a ouvir o crepitar dos fogos na rua principal de Calla e os gritos ruidosos do povo, que na sua maior parte já estava bem mais do que embriagado, a julgar pelo som.

— Dorme — disse ela. — Amanhã não te verei mais. Nem eu, nem o Eisenhart ou o Overholser, nem ninguém em Calla.

— Então tens a visão? — perguntou Roland.

Parecia relaxado, divertido até, mas mesmo enquanto estivera bem fundo no calor dela, e a entrar nela, Susannah nunca deixara de lhe remoer a mente: uma do seu *ka-tet*, e perdida. Só isso já seria suficiente para impedir um verdadeiro repouso ou relaxamento.

— Não — disse ela —, mas de vez em quando tenho intuições, como qualquer outra mulher, especialmente quando o seu homem está prestes a ir embora.

— É isso que sou para ti? O teu homem?

O olhar dela foi simultaneamente tímido e firme.

— Pelo pouco tempo que aqui estiveste, sim, gosto de pensar que sim. Dirias que estou enganada, Roland?

Ele abanou de imediato a cabeça. Era bom ser novamente o homem de uma mulher, mesmo que por pouco tempo.

Ela viu que ele fora sincero, e o seu rosto suavizou-se. Acariçou-lhe a face magra.

— Em boa hora nos conhecemos, Roland, não foi? Em boa hora, em Calla.

— Sim, senhora.

Ela tocou no que lhe sobrava da mão direita, depois na anca direita.

— E como estão as tuas dores?

A ela, não mentiria.

— Más.

Rosalita acenou com a cabeça e pegou-lhe na mão esquerda, que ele conseguira manter afastada das lagostosidades.

— E esta?

— Está boa — disse ele, mas sentia uma dor profunda. À espreita. À espera do momento de se anunciar. Aquilo a que Rosalita chamava torção seca.

— Roland! — disse ela.

— Sim?

Os olhos dela olhavam-no calmamente. Continuava a ter a mão esquerda dele nas suas, tocava-a, colhendo os seus segredos.

— Acaba o mais depressa possível o que tens a fazer.

— É esse o teu conselho?

— É, meu querido. Antes que o que tens a fazer acabe contigo.

3

Eddie estava sentado no alpendre das traseiras da reitoria quando a meia-noite chegou e aquilo a que o povo chamaria para sempre Dia da Batalha da Estrada do Leste passou à história (e que depois disso passaria a mito... partindo sempre do princípio de que o mundo se mantivesse inteiro durante tempo suficiente para que tal acontecesse). Na cidade, os ruídos da comemoração tinham-se tornado cada vez mais altos e febris, até Eddie se começar seriamente a perguntar se não incendiariam toda a rua principal. E será que ele se importaria? Nada, dizemos obrigado e de nada também. Enquanto Roland, Susannah, Jake, Eddie e três mulheres — Irmãs de Oriza, era como chamavam a si mesmas — enfrentavam os Lobos, o resto do povo de Calla escondera-se na cidade ou no arrozal junto à margem do rio. Mas dali a dez anos — talvez mesmo cinco! — estariam a contar uns aos outros que, num dia de outono, tinham ultrapassado os seus limites, ficando ombro a ombro com os pistoleiros.

Não era justo e parte dele sabia-o, mas nunca na vida se sentira tão indefeso, tão perdido e, conseqüentemente, tão mau. Dizia a si mesmo para não pensar em Susannah, para não se perguntar onde estaria ela ou se a criança-demónio já teria nascido, mas dava por si a pensar nela, mesmo assim. Ela fora para Nova Iorque, até aí tinha a certeza. Mas em que quando? Estariam as pessoas a deslocar-se em carroças à luz de lâmpões a gás ou a viajar a jato em táxis antigravitacionais conduzidos por robôs da North Central Positronics?

Estará sequer viva?

Se pudesse, teria sacudido aquele pensamento, mas a mente às vezes era tão cruel. Não parava de a ver na sarjeta, algures na Cidade do Alfabeto, com uma suástica gravada na testa e uma placa pendurada ao pescoço onde se lia SAUDAÇÕES DOS TEUS AMIGOS DA CIDADE DE OXFORD.

Atrás dele, a porta da cozinha da reitoria abriu-se. Ouviu-se o barulho suave de pés descalços (tinha agora os ouvidos bem alerta, treinados como o resto do seu equipamento de matador) e o estalido de unhas. Jake e Oi.

O rapaz sentou-se ao seu lado na cadeira de balouço de Callahan. Estava vestido e com a bolsa à cintura. No seu interior encontrava-se a *Ruger* que Jake roubara ao pai no dia em que fugira de casa. Nesse dia derramara... bem, sangue não. Ainda não. Óleo? Eddie sorriu ligeiramente. Mas não havia humor no seu sorriso.

— Não consegues dormir, Jake?

— Eique — concordou Oi, e desabou aos pés de Jake, apoiando o focinho sobre as tábuas entre as patas.

— Não — disse Jake. — Não paro de pensar na Susannah. — Fez uma pausa, depois acrescentou: — E no Benny.

Eddie sabia que era natural, o rapaz vira o amigo explodir diante dos seus olhos, é *claro* que pensava nele, mas mesmo assim Eddie sentiu um amargo surto de ciúmes, como se toda a consideração de Jake devesse ter sido guardada para a esposa de Eddie Dean.

— Aquele miúdo, o Tavery — disse Jake. — A culpa foi dele. Entrou em pânico. Começou a correr. Partiu o tornozelo. Se não fosse ele, o Benny ainda estaria vivo. — E muito baixinho (teria gelado o coração do rapaz em questão se ele o tivesse ouvido, disse Eddie não tinha dúvida), Jake acrescentou: — A porra... do Frank... Tavery.

Eddie estendeu uma mão que não queria consolar e tocou na cabeça do rapaz. O cabelo dele estava comprido. Precisava de ser lavado. Que diabos, precisava de um corte. Precisava de uma mãe para garantir que o rapaz debaixo daquele cabelo cuidasse dele. Mas agora já não havia mãe para Jake. E um pequeno milagre: dar consolo fez Eddie sentir-se melhor. Não muito, mas um pouco.

— Deixa isso — disse ele. — O que está feito, está feito.

— *Ka* — respondeu Jake amargamente.

— *Ki-ié, ka* — disse Oi sem levantar o focinho.

— Amém — disse Jake, e riu-se. Um riso tão frio que chegava a ser inquietante. Jake tirou a *Ruger* do coldre improvisado e olhou para ela. — Este irá atravessar, porque veio do outro lado. É o que diz o Roland. Talvez os outros também, porque não entraremos em *todash*. Se não passarem, o Henchick esconde-os na gruta e talvez possamos voltar para os vir buscar.

— Se chegarmos a Nova Iorque — disse Eddie —, haverá muitas armas. E nós haveremos de as encontrar.

— Não como as do Roland. Espero mesmo que possam passar. Já não há armas destas em nenhum mundo. É o que eu acho.

Era o que Eddie também achava, mas não o disse. Da cidade veio um estrépito de fogo de artifício, depois silêncio. Estava a esmorecer. Finalmente a esmorecer. O dia seguinte seria, sem dúvida, todo ele de festa, uma continuação da comemoração, mas um pouco menos ébria e um pouco mais coerente. Roland e o seu *ka-tet* eram esperados na qualidade de convidados de honra, mas, se os deuses da criação fossem bons e a porta se abrisse, já teriam partido. Atrás de Susannah. Para a encontrar. Esqueçam o «atrás de». *Para a encontrar.*

Como se lesse os pensamentos de Eddie (e ele podia fazer isso, era forte no toque), Jake disse:

— Ela ainda está viva.

— Como podes saber isso?

— Nós teríamos sentido se tivesse morrido.

— Podes tocá-la, Jake?

— Não, mas...

Antes que ele pudesse terminar a frase, surgiu um ronco profundo vindo da terra. De repente, o alpendre começou a subir e a descer, como um barco num mar agitado. Ouviam as tábuas a ranger. Da cozinha veio o barulho da louça a chocalhar, como dentes a bater. Oi levantou a cabeça e ganiu. O pequeno focinho de raposa tinha um ar comicamente sobressaltado, e as orelhas colaram-se-lhe à cabeça. Na sala de estar de Callahan, algo caiu e se estilhaçou.

O primeiro pensamento de Eddie, ilógico mas forte, foi que Jake matara Suze ao declará-la ainda viva.

Por um instante, o tremor intensificou-se. Uma janela estilhaçou-se quando a moldura se torceu e deformou. Surgiu um rangido da escuridão. Eddie deduziu — corretamente — que era a latrina em ruínas, agora a ruir por completo. Pôs-se de pé sem se dar conta disso. Jake estava ao seu lado, a agarrar-lhe o pulso. Eddie sacara o revólver de Roland e agora os dois pareciam prontos para começar a disparar.

Surgiu um último ronco das profundezas da terra e o alpendre estabilizou debaixo dos seus pés. Em certos pontos-chave ao longo do Feixe, as pessoas despertavam e olhavam em redor, aturdidas. Nas ruas de um quando de Nova Iorque, os alarmes de alguns carros dispararam. Os jornais do dia seguinte relatariam um pequeno terramoto:

janelas partidas, nenhuma morte comunicada. Só um pequeno tremor num leito de rocha essencialmente sólido.

Jake olhava para Eddie de olhos arregalados. E sábios.

A porta abriu-se atrás deles e Callahan saiu para o alpendre, de calções interiores brancos finos que lhe chegavam aos joelhos. Além disso, usava apenas o crucifixo de ouro ao pescoço.

— Foi um terramoto, não foi? — perguntou. — Senti uma vez um no norte da Califórnia, mas não desde que cheguei a Calla.

— Foi muito mais do que um terramoto — disse Eddie, apontando. O alpendre dava para leste, onde o horizonte era iluminado por uma artilharia de silenciosas explosões de luz verde. Ao fundo da colina, abaixo da reitoria, a porta da casa de Rosalita abriu-se uma nesga e depois bateu ao fechar-se. Ela e Roland subiram juntos a colina; Rosalita de combinação e o pistoleiro de calças de ganga, ambos descalços sobre o orvalho.

Eddie, Jake e Callahan desceram ao encontro deles. Roland olhava fixamente para os clarões de relâmpago que perdiam intensidade a leste, onde os aguardava a terra do Trovão, a corte do rei Rubro e, no extremo do Fim do Mundo, a própria Torre Negra.

Se, Eddie pensou, *se ela ainda estiver de pé*.

— O Jake estava agora a dizer que, se Susannah morresse, nós saberíamos — disse Eddie. — Que haveria aquilo a que chamas um *sigul*. E depois aparece isto. — Apontou para o relvado do *père*, onde surgira uma nova fenda, que separava a terra numa linha de três metros revelando os beiços castanhos da terra. Um coro de cães ladrava na cidade, mas não se ouvia o povo, pelo menos por enquanto; Eddie deduziu que uma boa parte passara por aquilo a dormir. O sonho ébrio da vitória.

— Mas não teve nada que ver com a Suze. Teve?

— Diretamente, não.

— E não foi o nosso — acrescentou Jake —, senão os danos teriam sido muito piores. Não achas?

Roland anuiu.

Rosa olhou para Jake com um misto de perplexidade e pavor.

— Não foi o nosso *o quê*, rapaz? De que estás a falar? Não foi um terramoto, claro!

— Não — disse Roland. — Foi um *Feixemoto*. Um dos Feixes que sustém a Torre... que sustém tudo... foi-se. Estalou.

Mesmo à luz débil das quatro candeias que tremeluziam no alpendre, Eddie viu o rosto de Rosalita Munoz perder a cor. Ela benzeu-se.

— Um *Feixe*? Um dos *Feixes*? Mas não! Diz que não é verdade! Eddie deu por si a pensar num antigo escândalo de basebol. Num menino a suplicar: *Diz que não, Joe*.

— Não posso — respondeu-lhe Roland —, porque é.

— Quantos Feixes existem? — perguntou Callahan.

Roland olhou para Jake e anuiu levemente com a cabeça: *Diz a tua lição, Jake de Nova Iorque... Fala e diz a verdade*.

— Seis Feixes que ligam doze portais — disse Jake. — Os doze portais ficam nas dozes pontas da terra. O Roland, o Eddie e a Susannah começaram a sua demanda no Portal do Urso e apanharam-me entre ele e Lud.

— Shardik — disse Eddie. Contemplava os últimos clarões a leste. — Era assim que se chamava o urso.

— Sim, Shardik — concordou Jake. — Portanto, estamos no Feixe do Urso. Todos os Feixes se juntam na Torre Negra. O nosso Feixe, do outro lado da Torre...? — Olhou para Roland à procura de ajuda. Por sua vez, o pistoleiro olhou para Eddie Dean. Mesmo agora, segundo parecia, Roland não deixava de lhes ensinar o Caminho de Eld.

Ou Eddie não viu o olhar ou preferiu ignorá-lo, mas Roland não desistiu.

— Eddie? — murmurou.

— Estamos no Trilho do Urso, Caminho da Tartaruga — disse Eddie num tom distraído. — Não sei que importância tem, uma vez que só vamos até à Torre, mas do outro lado fica o Trilho da Tartaruga, Caminho do Urso. — E recitou:

*Lá vai a TARTARUGA cheia de graça!
Sustém a Terra na carapaça.
É lento e afeto o seu pensar;
A todos nós consegue abarcar.*

Neste ponto, Rosalita continuou o poema:

*Às suas costas leva a verdade,
O amor e o dever, uma unidade.
Ela ama a terra e ama o mar,
E até a mim me vai amar.*

— Não é exatamente como ouvi no berço e ensinei aos meus amigos — disse Roland —, mas está muito perto, isso é certo.

— O nome da Grande Tartaruga é Maturin — disse Jake, e encolheu os ombros. — Se é que isso importa.

— Não sabes dizer qual deles se quebrou? — perguntou Callahan, estudando Roland com atenção.

Roland abanou a cabeça.

— Só sei é que o Jake tem razão... não foi o nosso. Se fosse, nada num raio de cento e cinquenta quilómetros em torno de Calla Bryn Sturgis estaria de pé. — Ou talvez num raio de mil e quinhentos quilómetros, quem sabe? Até os pássaros teriam caído em chamas do céu.

— Estás a falar do Armagedão — disse Callahan numa voz baixa e transtornada.

Roland abanou a cabeça, mas não em desacordo.

— Não conheço essa palavra, *père*, mas estou a falar de grande morte e de grande destruição, sem dúvida. E em algum lugar... talvez ao longo do Feixe que liga Peixe e Rato... isso acabou de acontecer.

— Tens a certeza de que isso é verdade? — perguntou Rosa em voz baixa.

Roland assentiu. Já passara por aquilo, quando Gilead caiu e a civilização, como ele então a conhecia, terminou. Na altura em que ficou livre para vagar com Cuthbert, Alain e Jamie e os outros do seu *ka-tet*. Um dos seis Feixes quebrara-se então e quase certamente não fora o primeiro.

— Quantos Feixes restam para sustentar a Torre? — perguntou Callahan.

Pela primeira vez, Eddie pareceu interessado em algo para além do destino da esposa perdida. Olhava para Roland quase com atenção.

E porque não? Afinal, aquela era a questão crucial. *Todas as coisas servem o Feixe*, dizia-se, e embora a verdade fosse que todas as coisas servem a Torre, eram os Feixes que sustentavam a Torre. Se se partissem...

— Dois — disse Roland. — Eu diria que tem de haver pelo menos dois. O que corre por Calla Bryn Sturgis e outro. Mas só Deus sabe quanto tempo vão aguentar. Mesmo sem os Quebradores a trabalhar neles, duvido que se mantenham por muito tempo. Temos de ser rápidos.

Eddie ficara tenso.

— Se estás a sugerir que continuemos sem a Suze...

Roland abanou a cabeça com impaciência, como se pedisse a Eddie que não fosse palerma.

— Não podemos seguir até à Torre sem ela. Pelo que sei, nem podemos seguir sem a cria da Mía. Está nas mãos do *ka* e na minha terra havia um ditado que dizia: «O *ka* não tem coração nem mente.»

— Com esse concordo eu — interrompeu Eddie.

— Podemos ter outro problema — disse Jake.

Eddie franziu o sobrolho.

— Não *precisamos* de outro problema.

— Eu sei, mas... E se o terramoto bloqueou a entrada da gruta? Ou... — Jake hesitou, depois relutantemente levantou a questão que de facto o assustava. — Ou se a destruiu por completo?

Eddie estendeu a mão, segurou a camisa de Jake e amarfanhou o tecido na mão.

— Não digas isso. Nem *penses* uma coisa dessas!

Agora ouviam vozes vindas da cidade. O povo devia estar novamente reunido na assembleia, calculou Roland. E calculou também que aquele dia — e agora aquela noite — seria lembrado em Calla Bryn Sturgis durante mil anos. Se a Torre ficasse de pé, é claro.

Eddie soltou a camisa de Jake e passou a mão pelo lugar onde a agarrara, como que para alisar os vincos. Tentou esboçar um sorriso que o fez parecer fraco e velho.

Roland virou-se para Callahan.

— Será que os *manni* vão aparecer amanhã na mesma? Conhecetes este grupo melhor do que eu.

Callahan encolheu os ombros.

— O Henschick é um homem de palavra. Mas se conseguirá fazer com que outros sigam a sua palavra depois do que aconteceu... isso, Roland, eu não sei.

— É melhor que consiga — disse Eddie sombriamente. — É mesmo melhor que consiga.

Roland de Gilead continuou:

— Quem quer jogar *Watch Me*?

Eddie olhou-o, incrédulo.

— Vamos ficar acordados até de manhã — disse o pistoleiro. — Bem podemos passar o tempo.

E então, jogaram *Watch Me*, e Rosalita venceu uma partida atrás de outra, enquanto marcava as pontuações num pedaço de lousa, sem qualquer sorriso de triunfo — sem uma expressão que Jake pudesse interpretar. Pelo menos não a princípio. Sentiu-se tentado a experimentar o toque, mas decidiu que era errado usá-lo por razões que não as mais fortes. Empregá-lo para ver o que se ocultava atrás do rosto impassível de Rosa seria como vê-la despir-se. Ou vê-la fazer amor com Roland.

Contudo, à medida que o jogo prosseguia e o céu começava a ficar mais luminoso a nordeste, Jake achou que afinal sabia o que ela estava a pensar, pois era o mesmo que *ele* estava a pensar. A certo nível das suas mentes, todos estariam a pensar naqueles últimos dois Feixes, desde esse momento até ao fim.

À espera que um deles ou os dois se partissem. Quer fossem eles a seguir o rasto de Susannah, quer fosse Rosa a fazer o jantar ou mesmo Ben Slightman a chorar a morte do filho no rancho de Vaughn Eisenhart, todos estariam a pensar na mesma coisa: só restavam dois e os Quebradores trabalhavam dia e noite contra eles, correndo-os, *matando-os*.

Quanto tempo faltava para que tudo terminasse? E *como* terminaria? Ouviriam o vasto ronco daquelas pedras enormes cor de ardósia a cair? Será que o céu se rasgaria como um tecido frágil, cuspidas as monstruosidades que viviam na escuridão *today*? Haveria tempo para gritar? Haveria um além, ou será que até o Céu e o Inferno seriam eliminados pela queda da Torre Negra?

Olhou para Roland e enviou um pensamento da forma mais clara que conseguiu: *Roland, ajuda-nos.*

E recebeu outro, que lhe encheu a mente com um consolo frio (ah, mas um consolo servido frio era melhor do que consolo nenhum): *Se eu puder.*

— *Watch Me* — disse Rosalita, e pousou as cartas na mesa. Fizeram Varinhas, a sequência alta, e a carta de cima era a Senhora Morte.

QUADRA: *Vem-vem-commala*

Há um jovem com arma.

O jovem perdeu a amada

Que fugiu em debandada.

RESPOSTA: *Vem-vem-commala!*

Ela fugiu em debandada!

Deixou o amado só

Mas ele não se ficou.